



**O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E O
USO DAS MÍDIAS IMPRESSAS NO ENSINO FUNDAMENTAL:
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

**THE SUPERVISED CURRICULAR INTERNSHIP IN GEOGRAPHY
AND THE USE OF PRINTED MEDIA IN ELEMENTARY EDUCATION:
EXPERIENCE REPORTS**

**LAS PRÁCTICAS CURRICULARES TUTELADAS EN GEOGRAFÍA Y
EL USO DE LOS MEDIOS IMPRESOS EN LA ENSEÑANZA EN LA
ESCUELA PRIMARIA: RELATOS DE EXPERIENCIAS**

Emanuelton Antony Noberto de Queiroz¹

Maria Edivani Silva Barbosa²

RESUMO

A importância do Estágio Curricular para o aluno da licenciatura, de acordo com Pimenta e Lima (2009), reside em propiciar a aproximação à realidade do futuro campo de trabalho no qual atuará. No estágio se criam as condições de exercício profissional reflexivo e se adquirem aprendizados sobre a prática de ensino, a ação docente e, de modo especial, é promovida a reflexão sobre o ensinar-aprender Geografia. Dentre os objetivos da experiência com o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, realizado no semestre 2012.2, no curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, destacam-se: planejar aulas para as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, com o uso das mídias impressas para promover a alfabetização geográfica de acordo com a proposta para esta fase; e contribuir para a formação de professores críticos e reflexivos. Assim, procura-se inovar nas práticas de ensino, criando situações-problema para os temas geográficos. Foram realizadas discussões de textos na universidade, visitas à escola para observar o ensino-aprendizagem, bem como a fim de analisar os recursos didáticos, o espaço físico, a estrutura pedagógica e administrativa e, ainda, proceder à regência. A prática de ensino aconteceu mediante o planejamento de três atividades em sala de aula: 1) o jornal; 2) as crônicas; e 3) as tirinhas e charges. Essa atividade foi fundamental para o professor em formação, porquanto, pelo fato de haver sido a primeira experiência de regência em sala, contribuiu para refletir sobre a possibilidade de utilização, no local, de recursos didáticos de fácil acesso e baixo custo.

Palavras-chave: Estágio Curricular; Formação de Professores; Mídias impressas.

¹ Professor do ensino básico da Rede Municipal de Educação de Fortaleza, graduado em Geografia - licenciatura e bacharelado - pela Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Ceará. emanuelton@yahoo.com.br

² Prof.^a Dr.^a do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Ceará. edivanibarbosa@ufc.br

ABSTRACT

The importance of the Curricular Internship for the undergraduate student, according to Pimenta and Lima (2009), lies in providing an approximation to the reality of the future field of work in which he/she will perform. In the internship, the conditions for reflective professional practice are created and learning about teaching practice and teaching action are acquired and, in a special way, reflection on teaching-learning Geography is promoted.

Among the objectives of the experience with the Supervised Curricular Internship in Geography III, held in the semester 2012.2, in the Geography course at the Federal University of Ceará, the following stand out: planning classes for the final years of elementary school, using printed media to promote geographic literacy according to the proposal for this phase; and contribute to the formation of critical and reflective teachers. Thus, we seek to innovate in teaching practices, creating problem situations for geographical themes. Discussions of texts were carried out at the university, visits to school to observe the teaching-learning, as well as to analyze the didactic resources, the physical space, the pedagogical and administrative structure and, still, to conduct the teaching. Teaching practice took place by planning three activities in the classroom: 1) the newspaper; 2) the chronicles; and 3) the comic strips and cartoons. This activity was fundamental for the teacher in training because, for the fact it was the first conducting experience in the classroom, it contributed to reflect on the possibility of using, on the spot, didactic resources of easy access and low cost.

Key words: Curricular Internship; Teacher Formation; Printed media.

RESUMEN

La importancia de las prácticas curriculares para el alumno de licenciatura, según Pimenta y Lima (2009), radica en proporcionar un acercamiento a la realidad del futuro campo en el que trabajará. Las prácticas crean las condiciones para el ejercicio profesional reflexivo y el aprendizaje sobre la vida diaria en la educación, la acción de la enseñanza y, de manera especial, promueve la reflexión sobre el enseñar-aprender Geografía. Entre los objetivos de la experiencia con las prácticas curriculares tuteladas en Geografía III, realizada en el semestre 2012.2, en el curso de Geografía de la Universidad Federal del Ceará, destacamos: planificar las clases de los años finales de la Escuela Primaria, con el uso de los medios impresos para promover la alfabetización geográfica de acuerdo con la propuesta de este estagio; y contribuir a la formación de profesores críticos y reflexivos. Así, se intenta innovar en las prácticas de enseñanza, creando situaciones problemáticas para los temas geográficos. Hubo discusiones de textos en la universidad, visitas a la escuela para observar la enseñanza-aprendizaje, así como para analizar los recursos de enseñanza, el espacio físico, la estructura pedagógica y administrativa y también para proceder a la regencia. La práctica docente se llevó a cabo mediante la planificación de tres actividades de clase: 1) el periódico; 2) las crónicas; y 3) las tiras cómicas y las viñetas. Esta actividad fue fundamental para el profesor en formación, ya que fue la primera experiencia de regencia en el aula, y contribuyó a reflexionar sobre la posibilidad de utilizar in situ recursos didácticos de fácil acceso y bajo costo.

Palabras clave: Prácticas Curriculares; Formación de Profesores; Medios Impresos.

INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular nos cursos de Licenciatura é uma exigência da Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, é regulamentado pela Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008. Pensando nessa exigência para a formação profissional, esse tipo de atividade nos propicia a oportunidade de superação da dicotomia teoria e prática nos cursos de formação de professores. Nos anos de 1990, esta constitui-se na principal crítica ao modelo de formação de professores, vigente até 2002. Donald Schön, um dos pioneiros na elaboração de manifestações dessa ordem, elaborou esta ideia:

Na formação de professores, as duas grandes dificuldades para a introdução de um *practicum* reflexivo são, por um lado, a epistemologia dominante na Universidade e, por outro, o seu currículo profissional normativo: Primeiro ensinam-se os princípios relevantes, depois a aplicação desses princípios científicos e, por último, tem-se um *practicum* cujo objetivo é aplicar quotidiana os princípios da ciência aplicada. (1995, p.91).

As ideias fundamentadas nessa apreciação de Schön foram amplamente disseminadas no Brasil, conforme a evocação de Pimenta (2010, p.28), porque aqui “[...] encontraram um terreno fértil”, época de reformas curriculares que resultaram em novas diretrizes para os cursos de formação de professores: as Resoluções CNE/CP Nº 1/2002 e Nº 2/2002, de 18 de fevereiro de 2002 (BRASIL, 2002). A primeira funda as Diretrizes Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, ao passo que a segunda institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

As mudanças na matriz curricular dos cursos de licenciatura foram significativas e tinham o propósito de melhor articular teoria-prática. Tal sucedeu pelo acréscimo de 400 horas de prática como componente curricular e em decorrência de uma alteração na carga horária de Estágio Curricular Supervisionado, que passou de 300 para 400 horas.

No curso de Geografia/Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), antes das Resoluções de 2002, as práticas de estágios estavam inseridas nos dois últimos semestres da matriz curricular, com 300h distribuídas em dois componentes: Prática de Ensino I (7º semestre) e Prática de Ensino II (8º semestre). Isto comprova o tipo de currículo normativo: apresentação da Ciência nos três primeiros anos e, no quarto ano, as atividades de treinamento de docentes em formação.

No que se refere às 400h de Estágio Curricular Supervisionado, no curso de Geografia/Licenciatura da UFC, estas configuram-se em quatro estágios, conforme Projeto

Pedagógico do Curso (PPC) de 2013: Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I (48h), II (64h), III (144h) e IV (144h).

Neste texto, relatamos as experiências da prática profissional docente adquiridas durante o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, no período de 2012.2, no curso de Geografia, da UFC. O estágio curricular foi realizado em uma instituição pública de Ensino Fundamental do Município de Fortaleza – CE, a Escola Municipal Professor Martins de Aguiar, localizada na Rua Bernardo Porto nº470, no bairro Vila Ellery, Secretaria Regional I.

Ressaltamos a importância dessa prática para o professor em formação, em virtude da possibilidade de empregar as mídias impressas no ensino de Geografia, o que contribuiu para adquirirmos experiências sobre regência em sala de aula, seleção de recursos didáticos, decisão por escolhas metodológicas e, sobretudo, reflexão sobre a prática de ensino em Geografia. Ademais, desenvolvemos um perfil investigativo sobre a escola pela análise das suas estruturas física, pedagógica e administrativa. Em uma das lições de Lima (2012, p. 63), “[...] a observação se caracteriza pelo contato pessoal e estreito do ‘estagiário pesquisador’ com a escola, permitindo que este chegue mais perto da realidade para depois, nela intervir”. A atividade trouxe, pois, grandes contribuições para realização de reflexões sobre o Estágio Curricular, o Ensino de Geografia e a Formação Docente. Envolvemo-nos, por conseguinte, em diversas situações de ensinar, de aprender sobre a prática, mediante observações e diálogos com os professores supervisores, não apenas nas salas de aula, mas também nos distintos espaços da escola.

Nestas circunstâncias pedagógicas, foi compreendida a importância sobre a reflexão da prática docente contínua, no tocante aos recursos e métodos que auxiliam o ensino de Geografia, observados em uma escola pública. A saliência dessas tarefas acontece pelo fato de possibilitar uma aproximação com o cotidiano escolar e adquirir prática por intermédio da regência. Esse ofício também enseja a oportunidade de pensar no emprego das metodologias de ensino que consigam trabalhar a alfabetização geográfica dos estudantes e considerar em seus contextos de vida social por via de uma relação dialógica - dentre elas, o uso de mídias impressas - que propiciam esse vínculo. A aproximação com a realidade da escola pública foi de muita relevância no curso de formação de professores, pois ajudou a refletir acerca das metodologias de ensino, que possibilitam uma melhoria na qualidade das aulas de Ciência Geográfica, no pleno exercício da docência.

Neste sentido, cumpre tornar relevante ao Estágio Curricular para os estudantes dos cursos de licenciaturas, pois, de acordo com Pimenta e Lima (2009, p. 45), “[...] a finalidade do

estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará”. Essa aproximação ocorre pelo envolvimento do estagiário com a escola, fundamentado teoricamente para, assim, observar, analisar, estabelecer diálogos e intervir.

A proposta ocorreu com fundamento no estágio como pesquisa e pesquisa no estágio, conforme orientam Pimenta e Lima, 2009, p.46: “[...] A pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor”.

Para finalizar o labor estagiário, elaboramos o relatório e fizemos a socialização das experiências durante os encontros de mediação da disciplina Estágio Curricular e assim compartilhamos as experimentações atinentes ao que foi visto, ensaiado, posto em prática em cada escola.

O experimento ora sob relatório está dividido no relato das práticas de observação em sala aula, preparação do material didático, desafios e vivências na regência, momento de aplicação do material elaborado, análises e conclusões concernentes às atividades.

O ESTÁGIO E A OBSERVAÇÃO: SENTINDO O “CLIMA” DA SALA DE AULA

Como atitude inicial, era fundamental desmistificar a concepção de adestramento pedagógico que nós, os licenciandos, detínhamos como “a hora da prática”. Então, passamos a compreendê-lo feito uma “[...] ação teórica instrumentalizadora da práxis”, de acordo com o que concebem Pimenta e Lima (2009, p.45), nos seguintes termos:

[...] o estágio, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino a da sociedade que a práxis se dá.

Passini (2007) reporta-se ao mérito dos estágios na formação dos próprios professores regentes (professores da educação básica) e licenciandos. Ao caracterizá-los, a autora alcança essas ocasiões

[...] como momentos de formação continuada para os professores regentes, associada à formação inicial dos alunos estagiários. Estamos propondo que tanto professores regentes quanto licenciandos se debrucem sobre a aula planejada, dada, observada e avaliada, utilizando-a como objeto de análise, investigação e reflexão. (*IBIDEM*, p.14).

Durante a observação, como parte das atividades, tivemos experiências com professoras formadas em áreas distintas, pois, durante a prática na escola, observamos duas professoras: a primeira, com graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 14, volume 1, p. 48-64, Jan/Dez/2020.

ISSN: 1982-3800

(UECE), em 1989, e a segunda, graduada em História na Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2002. Esta passou, porém, a ministrar as aulas de Geografia. É importante observar a mudança que se deu em razão de a primeira docente estar se aposentando e pelo fato de sua carga horária se haver reduzido, assim, assumindo a segunda.

No Ceará, os índices educacionais avançam, mas um dado se repete ano a ano: a quantidade de professores dando aula sem formação adequada. No Ensino Fundamental, abrange 33,4% dos profissionais. Na Educação de Jovens e Adultos, quase metade (45,5%) ensina sob essas condições. Os dados são do Censo da Educação Básica 2018, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). [...] De acordo com o levantamento, cerca de 24% dos docentes do Ensino Médio das escolas públicas de todo o Estado lecionam em disciplinas diferentes daquelas para as quais têm formação. Na rede pública de ensino da Capital, a quantidade de professores nessa situação chega a 43%. [...] Quando contabilizados os profissionais sem formação em curso superior, os números caem: 19% lecionam no Ensino Fundamental cearense sem graduação, e 11%, no Ensino Médio. [...] A situação, porém, se agrava nas escolas estaduais das áreas rurais, onde mais da metade (54%) dos docentes comanda as salas de aula do nível fundamental sem possuir preparo acadêmico formal. (VIANA, 2019).

A experiência mencionada e problematizada por Viana, em matéria do *Diário do Nordeste* (jornal de Fortaleza), é comum de se encontrar entre os professores da Educação Básica durante a fase estagiária. Muitos docentes são submetidos ao ministério de outras disciplinas de áreas diversas para complementar a carga horária. Recorrentemente, esta realidade é acatada por eles pela necessidade de sobrevivência, a fim de assegurar o emprego ou mesmo complementar a carga horária. De tal maneira, o professor há de aproveitar ao máximo sua ocasião de planejamento, pois, além de estudar e planejar os conteúdos de sua área de formação, também terá que fazer o mesmo com outra de conhecimento, algo por demais exigente e que requer muita capacidade na gestão dos delineamentos educacionais. A segunda professora que assumiu a turma, no momento de planejar, sempre pedia sugestões e fontes de pesquisas, para, justamente, tentar, da melhor maneira possível, ministrar os conteúdos geográficos, "[...] Para o profissional, isso gera angústia, porque é demandado dele o domínio de assuntos para os quais ele não teve formação, então ele precisa estudar por conta própria. É desgastante". (VIANA, 2019).

É importante mencionar a noção de que, malgrado ser uma realidade não somente cearense, mas também nacional, de se ter professores lecionando em áreas diferentes de sua formação inicial, desde 2019, na Rede de Ensino Municipal de Fortaleza, não é mais permitida

essa prática, contribuindo, assim, para que os oficiantes de aulas assumam as disciplinas componentes do terreno de seu conhecimento e formação.

Com efeito, no começo, observamos as aulas da primeira professora, que comprovava domínio do conteúdo, porém, este era transmitido com o emprego das metodologias do ensino tradicional, como, por exemplos, aulas expositivas, realização de exercícios e leituras do livro didático. Como consequências dessa prática, observamos alunos dispersos e muita dificuldade de aprendizagem.

Posteriormente, quando a segunda professora passou a transmitir conteúdos às turmas da sua colega, constatamos que, apesar da graduação em História, ela expressava ter domínio do conteúdo da Geografia, porém os alunos também revelaram dificuldades na aprendizagem. Ela se diferenciava, todavia, pela utilização de outras linguagens no ensino e recorrendo a exemplos mais significativos. Oportuno é mencionar, pois, o emprego de vídeos, canções e crônicas, procurando dinamizar o ambiente de sala de aula.

No tocante à observação das turmas, cada qual tinha peculiaridades: nas três salas de aula havia um número razoável de alunos que ajudava na circulação e conforto do ambiente; e não eram turmas lotadas, como é comum em algumas escolas. Identificamos o fato de que, na turma do 6º ano C, era bem visível a formação de grupos entre os alunos, mas havia um bom convívio entre eles, conquanto os estudantes fossem bastante dispersivos, pois sempre ocorriam casos de indisciplina durante a aula.

Já os matriculados nas turmas do 7º ano A e B eram um pouco mais disciplinadas, com um bom número de alunos e laços de amizade, cada qual com particularidades. O 7º ano A, por exemplo, constituía uma turma mais concentrada, mas que não participava muito da aula, embora as professoras estimulassem bastante a participação. Esta, no entanto, era a turma com melhor desempenho em termos de notas e realização das tarefas escolares. No que se refere ao 7º ano B, era a turma mais agitada, exigindo dos professores mais energia para chamar a atenção, pois, por vezes, demonstrava indisciplina na sala de aula, porém destacava-se pela participação nos eventos da escola.

Como parte das atividades de observação, procuramos intervir em sala de aula participando da realização da chamada dos estudantes, tirando dúvidas sobre os conteúdos ministrados, assim como das atividades propostas pelas professoras. A participação também

excedeu ao âmbito da sala de aula nos períodos de planejamento. Conversamos com as professoras sobre as estratégias de ensino que poderiam ser realizadas com vistas a dinamizar a prática. Em conjunto, buscamos materiais em *sites* de pesquisas, revistas e livros, no sentido de elencar materiais para serem inseridos nos planos de aula.

Evidenciamos o valor da observação como parte das atividades de estágio, pois prepara a óptica investigativa dos licenciandos, atentando para problematizar as situações encontradas no espaço escolar, direcionado, é claro, “[...] por uma intencionalidade pedagógica”. (LIMA, 2012, p.61). A autora ainda esclarece que “[...] É o olhar demorado sobre os fatos, nexos e relações que se estabelecem no movimento das pessoas para descobrir os fenômenos embutidos nos fatos aparentemente corriqueiros ou comuns as particularidades e detalhes do fenômeno estudado”. (*IBIDEM*).

Esse momento de socialização do tirocínio entre o estagiário e as professoras contribuiu para uma inicial experimentação na docência, reflexão sobre a ação e proposição de novas práticas, como também para perceber a importância do momento do planejamento da aula, que, além de ser uma conquista da categoria, é uma oportunidade, também, de estudo, pesquisa, formação e relato de experiências entre o corpo docente. Na análise das práticas observadas, decidimos pela aplicação de outras linguagens no ensino e na aprendizagem geográfica - jornais, literatura, charges e tirinhas. Desse modo, diversificamos os textos didáticos, que eram limitados, até então, ao livro didático.

A ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA POR VIA DA UTILIZAÇÃO DE JORNAL, LITERATURA, CHARGES E TIRINHAS

O emprego do jornal em sala de aula é um recurso que, se bem trabalhado para ministrar os conteúdos geográficos, contribui, de modo significativo, no ensino e na aprendizagem, pois é um recurso de fácil acesso, encontrado, por exemplo, em bancas de revistas e jornais, supermercados, *sites* específicos dos jornais, páginas em redes sociais de cada veículo. Configura um bem de baixo custo e nele estão veiculadas as matérias das nossas práticas cotidianas em escala local, regional, nacional e global. Nele ainda constam informações que privilegiam distintos gostos e faixas etárias, carregam conteúdos de teor econômico, político, ideológico e cultural. Essas informações se expressam mediante gêneros textuais diversos, como notícias, crônicas, ensaios, entrevistas, artigos de opinião, entre outros. Faria nos ensina que

O jornal é também uma fonte primária de informação, espelha muitos valores e se torna assim um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional. Como apresenta um conjunto dos mais variados conteúdos, preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação. Mas não só, pois como os pontos de vista costumam ser diferentes e mesmo conflitantes, ele leva o aluno a conhecer diferentes posturas ideológicas frente a um fato, a tomar posições fundamentadas e a aprender a respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática. (2011, p.9).

Essas informações expressam a atitude ideológica de quem escreve, e é de responsabilidade dos professores desenvolverem nos estudantes um pensamento crítico sobre a notícia que está sendo lida. Dessa maneira, os professores contribuem para que os estudantes analisem o fato tratado de modo crítico e reflexivo, a fim de fazer deles leitores críticos e, assim, contribuem para uma pedagogia da informação, porque

O primeiro objetivo da pedagogia da informação é, pois, ensinar o aluno a se situar no caos desse excesso de informação (tanto no que se diz respeito a fatos históricos importantes como aos fatos miúdos do cotidiano). É ensiná-lo a selecionar os fatos, organizando-os, analisando-os, criticando-os. (FARIA, 2011, p.13).

No que se refere ao uso da crônica, evidencia-se a necessidade de mostrar aos estudantes que a Geografia pode ser trabalhada interdisciplinarmente com a Literatura, pois conforma uma opção de linguagem poética:

A Literatura define-se, aqui, como uma mediação na leitura da produção do espaço e da inserção do sujeito em suas dinâmicas, focos tão caros à Geografia. Por vários motivos ela foi a arte escolhida, os quais iremos apontar a seguir, porém, o maior deles é que, na Literatura, podemos mostrar aos alunos como os sujeitos podem ser realmente humanos. Achamos que com a literatura poderemos buscar também na Geografia uma humanização perante os discursos duros e opressores com que o ensino de Geografia está contaminado, mostrando, assim como Manoel Fernandes de Souza Neto, que a Geografia pode ser diferente, que ela, ao invés de “tétrica”, pode ser poética. (TEIXEIRA; TUBINO; SUZUKI, 2009, p.10).

Sobre a importância dessa linguagem, concordamos com o que Seed (2008, p.52) assegura:

As obras literárias, por sua vez, podem ser entendidas como uma representação social condicionada a certos períodos históricos e utilizadas, no ensino da Geografia, como instrumento de análise e confronto com outros contextos históricos. Além disso, facilitam abordagens pedagógicas interdisciplinares.

Outra vantagem pedagógica para associar a Geografia à Literatura repousa na interpretação das questões sociais, ambientais e seu teor de denúncia dentro das crônicas, romances e poesias. São largamente encontradiços nesses textos teores de estudo da Geografia, potencializando, dessa maneira, o estudo da paisagem, do espaço geográfico, bem como a análise da relação sociedade e natureza no decorrer do tempo. Cavalcante e Nascimento (2009, p.100) evidenciam a ideia de que,

Assim como os outros recursos didático-pedagógicos, o texto literário oferece a oportunidade para o desenvolvimento de habilidades específicas da área, como: habilidade de leitura e interpretação da obra literária, habilidade de reconhecer os elementos que configuram a literalidade e seus significados, mas também, a habilidade de estabelecer uma relação íntima entre homem e paisagem, homem e localização espacial, homem e ambiente.

A outra proposta nesta experiência foram as charges e tirinhas. Este material também é veiculado pelos jornais encontrados no cotidiano, como também em revistas, internet e em páginas de redes sociais. Essa modalidade de desenho repassa várias mensagens para o receptor, o qual as interpreta de acordo com sua consciência ideológica ou política. No que concerne à importância de quadrinhos e charges, de acordo com Silva (2007, p.46),

Desde cedo as crianças fazem desenhos para comunicar alguma idéia, como já o fazia o homem nas cavernas. Mesma estratégia utilizada pelas histórias em quadrinhos, que com o uso de imagem gráfica comunica mensagens, muitas vezes, com ironias, irreverências e críticas. Segundo Cirne (2000), até os anos 60, a arte dos quadrinhos era considerada uma “arte menor”, ou pior ainda, condenada por grande parte da sociedade (principalmente pais e professores) que a via com maus olhos, considerando sua leitura perniciososa aos mais jovens. Atualmente, é bastante aceita e se reconhece que contém símbolos e significados que podem permitir uma reflexão questionadora.

Dessa maneira, associou-se o uso de charges e tirinhas ao ensino de Geografia como uma conformação de imagem a ser explorada do ponto de vista geográfico, procurando desenvolver aulas questionadoras e a criticidade dos estudantes mediante os conteúdos trabalhados em sala de aula.

A PRÁTICA DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NA SALA DE AULA

1ª Atividade – o jornal

O primeiro recurso elaborado foi o jornal. Durante o planejamento, buscamos notícias ligadas aos conteúdos que seriam ministrados em nossa regência, como uma tática para ajudar na compreensão do que estava sendo ministrado em sala de aula. Assim, foram selecionadas matérias não muito longas e com linguagem acessível. No 6º ano C, por exemplo, foi utilizado um texto sobre a produção de flores no Estado do Ceará em áreas serranas. No 7º ano A e B, nos louvamos em um apontamento do diário a respeito de uma migração acontecida há 20 mil anos, do Continente Africano ao Sudeste Asiático, para demonstrar aos estudantes que os movimentos migratórios consistem em uma ação bastante antiga praticada pela humanidade.

No decorrer da aula, foi explicado do que se tratava a notícia. Os estudantes foram separados em grupos para realizarmos a leitura em conjunto. Nas turmas do 6º ano C e 7º ano A, de início, os estudantes não queriam ler, mas com a ajuda da professora, colocamos em prática a atividade, diferente do 7º ano B, aonde os estudantes se dispuseram a praticar a leitura e, no final, realizamos um debate sobre o que as notícias estavam querendo repassar.

No final da atividade, teve uma boa participação, principalmente nos dois 7º anos, mas observamos que, no que diz respeito à leitura, alguns estudantes demonstraram dificuldades com alguns termos, fazendo-os parar a leitura. Com essas pausas eram explicados os significados. Essa vivência nos fez refletir sobre a realidade de muitos discentes, pois evidenciou-se o fato de que as famílias dos estudantes não têm acesso à jornais e muito menos o hábito de lê-los, impressos ou digitais. A reflexão perpassa ainda pela necessidade de a escola investir nesses materiais, para que sejam disponibilizados não apenas na sala de aula, mas em outros espaços das escolas como uma estratégia para desenvolver o hábito da leitura de jornais.

Logo, essa metodologia vivenciada no estágio em 2012, ainda é bastante praticada por nós, como professor atualmente (2020) da rede pública de ensino municipal (o primeiro autor). No encaminhamento das atividades, os alunos devem produzir um jornal com fundamento nos conteúdos ministrados ou em algum tema da atualidade, seja em formato de papel ou vídeo. Citamos como exemplo, em 2018, que, por ocasião da Copa do Mundo, realizada na Rússia, os alunos foram desafiados a elaborar um jornal sobre o País sede da Copa ou de um país participante do evento. A atividade foi realizada pelas turmas dos 6º e 7º anos. Em 2019, com

o registro dos assuntos ambientais no Brasil, também foi proposto para que os alunos do 9º fizessem vídeos em equipes em formato de jornal.

Assim, o uso do jornal em sala de aula, quando bem planejado pelo professor, situa os alunos como protagonistas do ensino e da aprendizagem. Outrossim, desenvolve o gosto pela leitura, estimula a criatividade, aperfeiçoando a leitura e a escrita e, sobretudo, nos permite fugir um pouco do formalismo do livro didático.

2ª atividade – as crônicas

Na realização da segunda proposta de atividade, foram utilizadas crônicas como uma tentativa de se pensar atividades dinâmicas e criativas para o ensino da Literatura e da Geografia, numa relação interdisciplinar. No 6º ano, empregamos o texto *Agá dois ó*, do livro **Aula de Geografia**, de autoria do Professor Manoel Fernandes (SOUSA, 2008), crônica que aborda sobre ciclo hidrológico. No 7º ano A e B, recorremos a uma crônica jornalística sobre a podas das árvores de Fortaleza, para trabalhar nos conteúdos sobre as cidades.

No sequencial didático, foi explicado aos estudantes o teor da crônica e explanado o conteúdo da mensagem. Organizamos a turma em duplas e realizamos a leitura em conjunto. Desta vez, a o exercício se desenvolveu com facilidade e foi de simples compreensão. Após a leitura, foi proposto aos estudantes que produzissem as suas crônicas ou um desenho sobre o que eles leram. No início, eles acharam que seria difícil e que não conseguiriam fazer, mas eles entenderam após explicação da atividade.

No 6º ano C, também orientamos que fizessem uma história ou um desenho sobre como era a utilização da água no cotidiano deles. Nos 7ºs anos, pedimos que escrevessem uma história ou desenhassem como é a cidade de Fortaleza - CE, com base na visão do próprio estudante. Na turma do 6º ano C, alguns deles não queriam fazer a atividade, mas a professora auxiliou a negociar. Nos dois 7ºs anos, ambos tiveram uma boa aceitação para realizar a atividade que seria entregue no final da aula.

Nesta segunda experiência, primeiramente, destacamos o fato de que os alunos, principalmente dos 6ºs anos, conseguiram ler e conheceram uma crônica, e nela enxergaram os aspectos geográficos. O uso das crônicas estimulou também a procura por outros gêneros literários em sala de aula, como o cordel e os romances.

3ª atividade – tirinhas e charges

Para a realização da 3ª atividade, foram utilizadas tirinhas e charges. O sequencial didático ocorreu da seguinte maneira: primeiro foram explicados o conteúdo que iria ser lecionado e sua relação com as charges e as tirinhas, ensinando sobre as diferenças entre estas duas modalidades de desenhos e suas características.

Os conteúdos escolares abordados foram Recursos Hídricos para o 6º ano C, e, para os 7ºs anos A e B, Agricultura Brasileira. No segundo momento, os estudantes das duas séries foram divididos em trios. Cada trio recebeu charges e tirinhas impressas. Foi solicitado que fizessem a análise dos desenhos, criassem uma charge, uma tirinha ou ainda uma história em formato de texto sobre o conteúdo explanado em sala de aula, bem como a ligação da matéria com seu cotidiano.

Como resultado, alguns estudantes acharam difícil, em especial no 6º ano, entretanto, outros criaram seus desenhos e textos. No que se refere ao 7º ano A, foi bem produtivo, pois a maioria criou seus desenhos e outros responderam o que acharam sobre o recurso utilizado, se posicionando contra ou a favor, de acordo com sua análise. No 7º ano B, a maioria também criou suas respostas sobre o que interpretaram na leitura das charges e tirinhas e responderam em formato de texto.

Desta maneira, observamos que, nas três turmas, ocorre dificuldade por parte de alguns estudantes de se trabalhar com sua imaginação, pelo fato de ainda estarem presos ao processo do ensino com metodologias tradicionais, fundamentado na memorização. Obtivemos, entretanto, uma boa resposta por parte dos estudantes que colocaram sua criatividade no papel, pois a utilização de charges e tirinhas como um dos meios facilita este processo imagético, pois, como exprime Silva (2007, p.47),

Os quadrinhos, charges ou *cartuns* são tanto transmissores de informação, quanto agentes de lazer para grande número de pessoas que gosta deste tipo de leitura. Seu uso na escola permitirá aos alunos “ampliarem a capacidade de observação e de expressão, ao estimular a fantasia, ao despertar o prazer estético, senso de humor e a crítica, tornando o ato de ler uma atividade prazerosa e contribuindo para estabelecer o hábito saudável da leitura.

Durante uma avaliação pessoal sobre as mídias impressas aplicadas, alguns estudantes demonstraram não gostar, mas uma grande parte se interessou e obtivemos duas experiências distintas no 6º ano C; a turma sempre tentava impor dificuldades para realizar os aplicativos,

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 14, volume 1, p. 48-64, Jan/Dez/2020.

ISSN: 1982-3800

porém o último deles foi muito bem aceito pela turma. O 7º ano A foi a turma da qual obtivemos os melhores resultados dos aplicativos e, no 7º ano B, logramos mais participação e bons resultados.

Essas experiências foram fundamentais para nossa futura prática profissional docente, pois obtivemos bons resultados e de maneiras distintas. O estágio nos proporciona essa reflexão sobre os recursos didáticos, considerando-os no contexto social e cultural em que a escola e os estudantes estão inseridos. O contexto, por sua vez, condiciona as práticas, provocando mudanças no fazer docente.

Destacamos como ponto positivo trabalhar esses recursos didáticos, pois foi um jeito de estimular outros modos de laborar com o conhecimento, mediante uma análise crítica do material utilizado, que é de fácil acesso, muitas vezes não valorizado no processo educacional. Há pouco estímulo por parte dos professores ou do corpo pedagógico escolar de se trabalhar a criatividade e o pensamento crítico dos estudantes, considerando suas práticas cotidianas. A prática de ensino de Geografia, no entanto, deve estar atenta a

Uma educação para a cidadania tentando romper com a mesmice da escola. Desenvolvendo uma prática que seja aberta à possibilidade de questionar o que se faz, de incorporar de fato os interesses dos alunos, e de ser capaz de produzir a capacidade de pensar, agindo com criatividade e com sua autoria de seu pensamento. (CALLAI, 2001, p.134).

A experiência com a utilização de charges e tirinhas no estágio foi bastante positiva. Com o advento e avanço das redes sociais e páginas específicas que abordam conteúdos geográficos, fica muito mais fácil a pesquisa sobre estes recursos didáticos. Vale registrar o fato de que, com essa experiência positiva, ousamos na utilização de outros recursos, como, por exemplo, os fanzines.

Além disto, a utilização de novas linguagens ligadas aos conteúdos escolares é providencial no contexto escolar, haja vista, atualmente, que há *sites* específicos para o fácil acesso na busca de novos meios para se adquirir informações. A escola não pode negligenciar essas novas modalidades de adquirir informação, pois, conforme nos diz Silva (*apud* KENSKI, 2007, p.43),

A realidade cotidiana mudou e precisamos estar atentos, pois a clientela da escola, também não é a mesma, as mudanças ocorrem com muita rapidez. Kenski (2005, p. 133) continua argumentando “para esses alunos, por

exemplo, o professor não é mais a única, nem a principal, fonte do saber. [...] Estes alunos estão acostumados a aprender através dos sons, das cores; através das imagens fixas das fotografias, ou em movimento, nos filmes e programas televisivos.

Considerar o contexto social em que os estudantes estão inseridos constitui condição primeira para propor metodologias adequadas ao perfil desses estudantes. A função da escola, como única transmissora de conhecimento, já não se aplica nesse contexto, porque os estudantes estão imersos nessa sociedade da informação. A escola e o professor devem assumir o papel de mediadores para a compreensão e a formulação de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste estágio, houve uma reflexão sobre a importância desta experiência para a carreira profissional, pois, além de ter sido a primeira experiência na prática docente, também representou a quebra de um preconceito, pois não nos enxergávamos trabalhando em turmas de Ensino Fundamental nos anos finais, por acharmos que seria uma atividade muito complexa, de sorte que dávamos preferência ao Ensino Médio.

Consideramos essa experiência importante para o exercício profissional. Desde 2013, lecionamos na Rede de Ensino Municipal de Fortaleza, trabalhamos com as turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Todos os recursos didáticos supramencionados são utilizados por nós nas turmas, quando exploramos os conteúdos geográficos e avançamos na introdução de outras mídias impressas, como os fanzines e cordéis.

A reflexão que realizamos é de que o potencial das práticas de ensino de Geografia na Educação Básica se deve muito mais ao esforço do professor e da professora, do que às reais condições de trabalho em que nossa prática se realiza. Essas circunstâncias exigem esforço, são muitos os obstáculos, mas não são impossíveis de realização, de fazer da sala de aula de Geografia um espaço prazeroso e inovador com pequenas ideias, como o uso do jornal, as letras de música, as aulas em campo, o emprego de fanzines, entre outros.

Devemos considerar, sobretudo, para o exercício das práticas exitosas, o conhecimento que o professor e a professora devem ter do perfil dos estudantes e das condições culturais e socioespaciais em que estes se encontram. O ideal é fazer perguntas: o que eles esperam do ensino de Geografia? O que ensinar em Geografia? Quais as metodologias mais adequadas? Com quais recursos? Quais as reais condições de trabalho nesta escola? Enfim, os tempos são desafiadores, mas há sempre uma possibilidade para reverter o que muitas vezes é dado como

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 14, volume 1, p. 48-64, Jan/Dez/2020.

ISSN: 1982-3800

“natural”. Desnaturalizar o ensino de Geografia na escola é uma reflexão importante que o professor e a professora devem fazer cotidianamente.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 1/2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de fevereiro de 2002. Seção 1, p. 8. 2002.
- CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 16, 1º semestre, p. 133-152, 2001.
- CEARÁ. Universidade Federal do Ceará. Centro de Ciências. Departamento de Geografia. **Projeto Pedagógico do Curso Geografia**, Licenciatura, 2013.
- FARIA, M. A. de O. **Como usar o Jornal em sala de Aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.
- KENSKI, V. M. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologia. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Didática: o ensino e suas relações**. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- PASSINI, E. Y. Introdução. In: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T., (Orgs.). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007, pp. 11-15.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito** (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2010.
- SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação Educacional, 1995.
- SEED. **Diretrizes Curriculares de Geografia Para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Para o Ensino Médio**. Curitiba, 2008.
- SILVA, E. I. Charge, cartum e quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de Geografia. **Revista Solta a Voz**, Goiânia, v. 18, n.1, p. 41-49, jan./jun. 2007.
- SILVA, R. C. da. A auto avaliação como instrumento de conscientização de alunos de um curso de especialização Lato Sensu. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 101-115, 2007.

SOUSA, M. F de. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2008, pp. 80-83.

TEIXEIRA, F. F.; TUBINO, V. M. C.; SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: uma alternativa para o ensino da questão indígena em sala de aula. In: **V Encontro de Grupos de Pesquisa “Agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais”**, Santa Maria, 2009. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/5507036/geografia-e-literatura-uma-alternativa-para-o-ufsm>>. Acesso em: 7 jan. 2020.

VIANA, T. Um a cada três professores do CE não é formado na disciplina que ensina. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/um-a-cada-tres-professores-do-ce-nao-e-formado-na-disciplina-que-ensina-1.2059052>. Acesso em: 24 de jul. de 2020.



Recebido: 28/04/2020
Aceito: 01/08/2020